

# ánfora



SONETOS  
DE

PEDRO DE  
MENEZES





Artista Fernando Pessoa.

Os Amigos e os Ar-  
tista com um grande  
abraço de admiradores  
of

Pessoa

ÂNFORA

(CAPA DE DIOGO DE MACEDO)

DO MESMO AUTOR:

RIMAS DA NOITE E DA TRISTEZA—1913.

DISTÂNCIA—1914. (*esgotado*).

ELOGIO DA PAISAGEM—1915.

AS TREZE BALADAS DAS MÃOS FRIAS—1916.

MAIS ALTO—1917.

ÂNFORA—1918.

A SAIR:

NOSSA SENHORA DA ALMA.

A LENDA DO REI BONECO.



# ÂNFORA

SONETOS

PEDRO  
DE  
MENEZES

ANFORA

FORNOS

PEDRO

DE

MENTES

A MEU IRMÃO

A MEU CUNHADO EUGÊNIO









## EM VÔO

Desde que ergui meu vôo, ando buscando  
A alta tôrre onde hei-de enfim poisar.  
Deus, o pombal donde parti voando  
E onde o Sonho me inibe de voltar.

A distância, em meus olhos doloridos,  
De Saudade o mistério a rodeou.  
E tornam-se cidades meus sentidos  
Erguendo tôrres p'ra alcançar meu vôo.

Torna-se de Oiro e chove nos pinheiros  
O Ar das minhas asas alongadas.  
Se ergo os olhos mais Alto, outros outeiros...

A Lua deixa o Tempo em mãos cansadas,  
Mostrador dum relógio sem ponteiros  
Onde as horas são sempre adivinhadas.



## ARABESCOS

O séquito partiu. E envôlta em bruma  
Ela ergueu-se mais Alta e foi Saudade...  
Não mais a vi. Contorna uma cidade  
Uma nuvem de Outono que perfuma...

Quem sou? Respondem ecos. Em ruínas  
Longes castelos queimam horizontes...  
Arqueiam-se arvoredos. Nas campinas  
Sombrios rios rumorejam fontes...

Ela tange uma harpa. Auréola apenas...  
Acordam os pavões. Horas-morenas  
Poisam tempo nos montes. Velhos tons...

A harpa é oiro, eterizada, esguia...  
E ela tange tão branca melodia,  
Que os dedos se confundem com os sons.

## VER-TE

Estendi os meus braços p'ra abraçar-te,  
E entre nós uma porta se cerrou.  
Um sôpro de rubins em mim voou,  
Sôpro que permitiu poder sonhar-te.

Saía a tua sombra p'las janelas  
E perdia-se, ao largo, em arvoredos...  
Os meus dedos scismando caravelas,  
Eram prolongamentos dos teus dedos.

Num parque de oliveiras te sonhei,  
Erguendo-te do oiro que queimei  
Nas ânforas do templo do meu Ser.

Parece que te vejo e tu estás longe...  
Afastei-me de mim para ser monge...  
Meus olhos são a sombra de te ver!



## APENAS SONHO...

Sou uma cota de malhas  
Que às vezes scismando ponho.  
Meus sentidos são medalhas  
Sôbre o peito do meu Sonho.

Guerreiro de lendas idas.  
Quem me fêz rei, me deixou  
Em terras desconhecidas  
Onde Deus me não sonhou.

E assim perdido me vejo.  
Perdi-me do meu cortejo  
Nas curvas do teu olhar.

Visto sonhos de setim.  
Estou à janela de mim  
P'ra me poder ver passar.

E tu, que foste rainha,  
Sonhaste outra rialeza  
Num palácio de tristeza  
Onde a Saudade era minha.

Depois nunca mais te vi.  
Abandonaste o palácio,  
E as salas do teu palácio  
Andam doentes de ti.

Doentes de te não verem.  
Dentro dos meus olhos morre  
A idea de te esquecerem.

Pões as mãos no meu Scismar.  
És o silêncio da tôrre  
Que se vestiu de luar.

III

No meu mêdo me concentro.  
É tua Ausência uma alfombra;  
E nas salas onde entro  
Deixo ficar uma sombra.

Dentro dos lagos me escondo  
Em jardins abandonados.  
Chamo por mim. Não respondo.  
Oíço meus passos cansados.



Os teus dedos bebem longes,  
Sonham naus levando monges  
Sôbre a saudade do mar.

E as tuas mãos andam loucas  
Por terem tapado bôcas  
Que me queriam chamar,

IV

Sou o carnaval de Deus.  
Meu olhar, baile de máscaras.  
E os meus olhos trazem máscaras,  
Estão mascarados dos teus.

Nossa vida é uma sala  
Tôda cheia de perigos.  
Nós somos quadros antigos  
Nas paredes dessa sala.

Tua voz sonha cristal  
Ao pôr do Sol, se passamos  
Na sombra dos teus segrêdos.

És uma árvore de Natal,  
Onde os teus braços são ramos  
E as tuas mãos, os brinquedos.

## CAIR DE TARDE

Comungo luz ao sol poente em frisos de oiro...  
Todo o meu Ser regressa a mim para voar...  
Abranjo-me de mim. Rezo-me em sombra, a arfar  
No meu olhar teu riso enferma em rosas de oiro.

Nos meus braços em cruz, perdido de ânsia expiro...  
E quem encerrará meus olhos fitos longe?  
E a minha alma depois divagará em monge  
Na voz doce, febril, das fontes que deliro...

Desce por mim a Tarde. Enluto o teu olhar.  
Tudo perdi. Sou claustro. Ardo em meu Ser a orar...  
E o meu olhar abraça um horizonte em calma...

Tarde! Roxa presença. Enroxecendo ensombra...  
Virgem do meu Sonhar, freira dos véus de sombra,  
Velhinha que teceu a idea da minha Alma!



# SALOMÉ

Ao António Vaz Pereira

Dançava Salomé sôbre mistérios idos.

— Tarde-bronze a morrer. Poente em véus vermelhos.

Os seus sentidos, longe, eram bailados velhos,

E o seu Corpo, a bailar, é que era os seus sentidos.

Dançava Salomé nas súas mãos morenas,

Que eram salões de sêda, a descerrar o hábito.

E Ela, quando se via, era o seu próprio hálito,

E o Corpo no bailado era uma curva apenas.

Dançava Salomé. — E os meus olhos, ao vê-la,  
Cerravam-se leões com medo de perdê-la,  
Leões bebendo luz, na luz dos olhos seus...

Não vejo Salomé. — Talvez adormecida...  
Talvez no meu olhar Ausência dolorida...  
Talvez bôca pagã beijando as mãos de Deus.

## II

Deus, longo cais em mim, donde outras naus singrando  
Conduzem para o Longe o meu não existir.  
Morena, Salomé, entre vitrais bailando,  
Arcadas-sensações transpondo o seu Sentir.

Fita paisagens-Ânsia em suas mãos cansadas,  
Paisagens a sonhar castelos nunca erguidos.  
E os lábios percorrendo em lume os seus sentidos,  
Scismam príncipes-Côr descendo das arcadas.

Há entre Ela e Deus o corpo de João;  
E em seu olhar, dormindo, um bronze de oração  
É sombra do bailado um inclinar de palma.

Baila seu Corpo ainda. E Deus nos seus bailados.  
Bailados-asas, longe, em capitéis bordados,  
Gestos de Deus caindo entre molduras-Alma!

## MORTE DE SALOMÉ

Apagaram-se bronze os círios que sonhara.  
Erguidos no meu Ser, sentidos-mausoléus.  
O palácio, no parque, era um olhar de Deus  
E as salas do palácio, os bailes que bailara.

Ela, taça caída em uma orgia infinda,  
Taça vencida de Alma em pálios afastados.  
Seu Corpo tinha sido algum dos seus bailados,  
E a sua própria Morte, era um bailado ainda.



MORTE DE SALOMÃO

Eram as suas mãos rainhas em impérios  
Onde passavam reis com séquitos-mistérios,  
Adagas de marfim erguidas noutras mãos.

Seu Corpo, cinto de ouro ao seu redor, dormindo,  
Um hálito de Deus sôbre missais caindo,  
Cinza de Alma rezando outros Jesus, pagãos.



## RECORDAR

Lembram botões eléctricos meus olhos.  
Chego os dedos a êles e carrego.  
Acendem-se de imagens. Fico cego . . .  
Sinto que as coisas morrem nos teus olhos.

Há entre mim e a Noite um reposteiro.  
Pressinto-o no meu vê-lo. Ânsia perdida . . .  
Eu próprio às vezes julgo ser ponteiro  
No relógio que marca a minha Vida.

E vejo a minha infância ser de sêda.  
Ando com ela ao colo p'la alameda.  
É um eco de mim em idas nave...

Cai-me na côr do Outrora cinza preta.  
E sinto o meu Passado na gaveta  
Da cómoda a que alguém perdeu as chaves.

## MÃOS DE CEGA

### I

Sinto que as tuas mãos são teus olhos vencidos,  
Teus olhos que, esquecendo as orações da luz,  
São claustros apagando os passos esquecidos  
De Deus ao regressar de amortilhar Jesus.

Sinto-as tanger ainda os violinos velhos,  
Onde os dedos saltando em cordas de oiro, à tarde,  
Te cegaram de Som. E em candelabros arde  
O teu antigo olhar, emmoldurando espelhos.

Teus dedos ao bater nas tuas mãos, são remos.  
Inda vejo nas salas do palácio, arfando,  
As tuas mãos de Dor entreabrindo as portas.

Buscamos-nos em Côr, e quando nos perdemos  
Passam as tuas mãos em meus dedos, scismando  
Estátuas de marfim sôbre as arcadas, mortas. . .

Morreram os leões que guardavam perdidos  
A branca escadaria. Altos leões sombrios...  
Dêles apenas resta o eco dos rugidos  
Que os arcos dos salões tornaram mais esguios.

As rendas que fiaste adormeciam bôcas,  
E as rugas no teu rôsto iam caindo, fundas...  
Ao fim do parque, à Noite, as águias moribundas  
Guardavam em silêncio as destroçadas rocas.



Fiavas noutro tempo os teus olhos dormentes.  
Deixaste de os fiar, e os teus olhos arderam  
Na Côr das tuas mãos, na Cruz doutros Poentes.

Cega de mim, partiste. E quando regressaste,  
Manchada de Distância, os meus sentidos eram  
Palmeiras ladeando a estrada onde passaste!



## SONHO EGÍPCIO

No palácio, os pavões, são apenas dizê-los...  
As asas côm do longe, erguidas sôbre mim.  
Existem os pavões... O meu sentir-me é vê-los,  
E o meu sonhar-te, além, são lagos no jardim.

Quando passei no parque eu encontrei Nitókris.  
Vi-a. Fitei-lhe as mãos para poder senti-las...  
Meus olhos foram naus em águas intranquias,  
Meus sentidos, anéis nos dedos de Nitókris.

Labirinto de sons. Adormeço-me oiro.  
Ânsia apagada. Deus desce minha Alma em oiro.  
Meus olhos p'ra te ver, arcadas nos espelhos.

Rezas que nunca ouvi. Hábitos de Saudades.  
E as tuas mãos, ao largo, unguindo divindades,  
Scismam Íbis, pagãos, sôbre tapetes velhos!

## ESQUECENDO

Os lagos dormem cisnes na alameda,  
E as portas do palácio estão fechadas.  
As fôlhas a cair, rezando sêda,  
Sonham paisagens mortas, afastadas...

Essas paisagens foram tuas aias.  
Flautas ao longe, foram teus sentidos.  
E as tuas mãos ao desfiar vestidos  
Dormiram franjas em doiradas saias.

A tua Sombra o meu olhar perdeu...  
Não sei se não serás um gesto meu,  
Um gesto de meus dedos longos, frios...

Não sei quem és... Meus olhos esquecidos  
Sentem-te em mim, dormir nos meus sentidos...  
Meus sentidos, arcadas sôbre rios...

## RECORDANDO

Sinto as côres, de Noite, terem mêdo  
E acolherem-se à sombra do teu luto.  
Eu fui um rei dos godos, que em Toledo,  
O Tejo adormeceu e ainda escuto.

Cercam-se de oiro as salas que habitei,  
Oiro-cinza esquecido, oiro dormente.  
E em minha Alma, na qual inda sou rei,  
Scismo tronos caindo lentamente.

Buscam-me pagens-tristes nos caminhos;  
E a minha lenda em sonhos-pergaminhos  
Vai escrevendo, em silêncio, o meuscismar.

São outros os domínios que vivi.  
Tôdas as coisas que eu outrora vi  
Regressaram mistério ao meu olhar.



O MÊDO DE SATAN  
PELA NOITE ◆◆◆◆

Não sei se dentro de mim  
Haverá restos de Deus...  
Sinto dedos de marfim  
Sempre a fugirem dos meus.

Olho p'ra a Noite cansado,  
E no teu perfil me enredo.  
Sou um trevo desenhado  
Nas cortinas do meu mêdo.

NOITE DO BRUNO DE SATAN  
●●●●● NOITE ●●●●●

Noite, mãe dos meus sentidos,  
Modista dos meus vestidos,  
Madrinha do meu Sonhar...

Se olho a Lua que me mata  
Eu vejo-a guiso de prata  
A tilintar o luar.

II

Desce a Noite pelos montes.  
Escuto. Sinto-lhe os passos.  
Vai beber Saudade às fontes  
E anda co'a Morte nos braços.

As minhas mãos arrefecem,  
E se as ponho sôbre os lírios,  
Meus dedos tornam-se círios  
Como se os lírios morressem.

E quando num jardim passo,  
Brinco co'as rosas e corro  
Atrás das sombras que faço.

Sou no Silêncio um recorte.  
E por saber que não morro,  
Eu tenho mêdo da Morte.

III

Passa a maca dos meus risos  
Pela côr do meu passado...  
Perfis vestidos de frisos  
Nos meus dedos enlutados.

Sinto que os meus olhos vão  
Feridos, dentro da maca...  
Penso na Lua. E' a faca  
Com que mataram João.

Vejo-me tanto esquecido  
No meu Sonho dolorido,  
Que tenho pena de mim.

Meus olhos bebem a luz.  
E quando penso em Jesus,  
E' Deus a chorar por mim.



IV

Eu bem sei que é a Noite uma cigana  
Co'um chaile negro, a mêdo, pelos lagos.  
Que é só talvez perfil e dedos magos.  
No meu vestir de roxo a Sombra a engana.

No meu mistério a minha Côr se inclina.  
Vejo a mão da Saudade adormecida...  
E a Lua sei que é essa mão estendida  
Onde a Noite vai lendo a sua sina.

Por isso eu fujo dela. Tenho medo  
Que me prenda o Mistério, o meu Segrêdo,  
E faça dos meus olhos calabouços...

Passam os meus sentidos nos terraços;  
E Deus atira pedras aos meus passos,  
E sente-as cair dentro de poços.

## PRINCESA LOUCA

Vejo passar na curva da alameda  
Uma princesa há muitos anos louca.  
Princesa cujo Corpo é uma roca  
Em principados de faisões de sêda.

A sua sombra, uma lagoa azul.  
As suas mãos tecendo pinheirais,  
Lembram-me naus sempre chegando ao cais,  
Águias sem asas num palácio, em Tule.

Seus dedos, pregos que pregaram Cristo.  
Olha-me longe. Em seu olhar existo...  
Passo nas rezas duma antiga bôca...

Arqueio-me a sonhar sôbre marfim.  
Sou arco com que brinca no jardim  
Essa princesa há tantos anos louca.

Vejo-o passar no desmaiar do Dia...  
Mantos azuis arrasta na alameda...  
E a suas mãos crismadas de agonia  
Desce um silêncio adormecendo sêda...

Seus versos, o ruído de seus passos  
Sôbre lagedos-Alma adormecidos,  
Um entreabrir de reposteiros lassos  
Em galerias de palácios idos...

Dança em redor o seu olhar doente.  
Pastoreia os seus versos no Poente.  
Sinto-o passar... É um pastor cansado.

Veste Saudade ante um dormir de espelhos.  
Pagem de luto entre noivados velhos  
Passa de noite em salas de brocado.



## A DOIDA

O filho ao colo, se ficou num dia  
Parada, ante os espelhos, a pensar.  
Outra mulher, não ela, em frente via  
Com o mesmo menino p'ra embalar.

Qual delas era a mãe? Pôs-se a chorar.  
E a tal mulher pôs-se a chorar também.  
Talvez que fôsse a verdadeira mãe,  
E ela só fôsse p'ra o amamentar.

Com mêdo, então para o jardim fugiu.  
Debruçou-se de Tarde sôbre o lago  
E a outra mãe lá estava e lho pediu.

Deixou cair o filho. Os olhos quedos...  
E ela agora mergulha as mãos no lago  
E dedos frios vão prender-lhe os dedos.

Ei-la lá vai sòzinha p'lo jardim.  
Procura-me. Eu escondo-me. E ela vem.  
Parou tão levemente ao pé de mim  
Que eu não senti ao pé de mim ninguém.

Seu Corpo é uma nau de cuja amarra  
A desprende o meu sonhá-la triste  
E os seus sentidos, onde Deus existe,  
São rosas murchas dentro duma jarra.

As mãos prendem a Tarde no seu rôsto.  
E a Côr anda ao pé dela a tossir sombra,  
Doentinha de olhar para o Sol-pôsto.

Seus olhos são dois noivos sempre inquietos;  
E seus passos que o mêdo envolve e ensombra,  
Cisnes bordados em tapetes pretos...

# A CANÇÃO DOS MEUS SENTIDOS

Se olho os teus dedos cansados,  
Vejo uma princesa presa.  
E os meus olhos apagados  
Funerais dessa princesa.

O meu sonhá-los distantes  
Sei que nunca teve Côr.  
E o meu vê-los vacilantes,  
Lagoas na minha Dor.

Sou um país esquecido  
Muito longe, adormecido...  
As tuas mãos são candeias.

E nêsse país sombrio  
O meu Chorar é um rio  
E os meus sentidos aldeias.



II

É minha Alma uma laçada  
Que em teus olhos se desata.  
Uma gôndola de prata  
Numa Veneza bordada.

Os meus dedos são pastores  
Ao redor dos teus cabelos,  
Andam a apascentar côres  
Na campina do meu vê-los.

Sinto fontes nos outeiros.  
As fontes sôbre os outeiros  
São o meu adormecer.

Meus olhos dão para a estrada.  
Passa minha Alma cansada:  
— Mala-posta do meu Ser.

III

Passo pelos meus sentidos,  
Vejo-os e não me conhecem.  
Os meus pensamentos idos  
Dentro de mim adormecem.

A minha Alma é a ama  
Que anda com os meus sentidos.  
É, de manhã, quem os chama  
Quando estão adormecidos.

Ela os veste de Saudade  
E os põe tristes ou contentes  
E os faz sonhar a Ansiedade.

E são, quando ao pé de mim,  
Cinco meninos doentes  
A brincarem num jardim.

## DELÍRIO

Minha Alma é uma mola de mola  
Desenhada nas mãos duma primor,  
Mãos que são parcos e o schmal comê  
Todo o meu Ser esquece-se em letargo.  
O meu olhar é muitas molas de aço  
Que aperto nos meus dedos, depois largo  
E se afastam vibrando pelo espaço.

As minhas mãos, orientais debuxos  
Talhados em saudades de brocado.  
Os meus dedos esguios são repuxos  
No parque onde deixei o meu passado.

Minha Alma é uma mesa de marfim  
Desenhada nas mãos duma princesa,  
Mãos que são barcos e o scismar convés.

E os meus sentidos são ao pé de mim  
Cinco reis persas ao redor da mesa.  
Meu sonho, o taboleiro de xadrez.



## AO PÉ DAS FONTES

As fontes cada vez sinto mais perto.  
Sinto-as até tocarem os meus dedos.  
Sonho da côr da Ânsia. Mais incerto.  
O Sonho, flor de lis nos meus segrêdos.

Velhinhas que contaram o Poente  
E sonharam meu Sonho e adormeceram  
E encontraram num lago mais ausente.  
Os lenços das princesas que morreram.

E eram tantas as lanças ! Eram tantas !  
Lembro-me bem, ungiram as infantas  
Em cujos dedos os meus beijos ponho . . .

Luar de pedrarias sôbre os montes . . .  
Vejo-me ao longe e sinto serem fontes  
As mãos de Deus poisadas no meu Sonho.

## PAGÃO

... Lembro-me então de mim. Rezo-me longe. Scismo.  
E o lembrar-me de mim são os meus passos idos.  
Arqueia-se em Azul meu próprio misticismo  
E eu fico apenas Côm sôbre vitrais vencidos.

O teu hálito é luz em candelabros velhos  
Aos cantos dos salões onde me vejo a orar,  
E os teus passos de Dor são um quebrar de espelhos.  
Quando te quero ver, morres no meu olhar.

Abráço-me chorando. O teu morrer é ver-me,  
Oiro de Asas em Tule, ardendo antiguidade—  
E o ter-te visto morta, o mêdo de perder-me.

Procuro-me em silêncio e oiço-me em teus passos.  
Sôbre altares pagãos, ergo-me divindade  
E Isis dorme meu Ser em cortinados lassos!

ELA NO MEU  
OLHAR ♦♦♦♦

Os seus olhos são Índias de segrêdos.  
É Portugal seu Corpo esguio e brando.  
E as cinco quinas, seus compridos dedos  
Em suas mãos, bandeiras tremulando.

Seus gestos lembram lanças. E ela passa . . .  
Seu perfil de princesa faz lembrar  
Batalhas que travaram ao luar,  
Épopeia-marfim da minha Raça.

O seu olhar é tão doente e triste  
Que me parece bem que não existe  
Maior mistério do que o de prendê-lo.

Nos meus sentidos vive o seu sentir  
E, às vezes, quando chora, põe-se a ouvir  
Seu coração, velhinho do Restelo.



## MORTE DE CRISTO

Noite entre mim e Deus. Cinza morena.  
Cristo olhou em redor. Olhar desfeito.  
O seu olhar, perfil de Madalena.  
Jerusalém, a chaga de seu peito.

Amanheceu agonizando luz.  
E Cristo morto em sua Cruz serena  
Como se as mãos de dor de Madalena  
O tivessem bordado sôbre a Cruz.

Desmaiaram-lhe os lábios sôbre a Alma.  
Da Cruz, erguia-se em penumbra e calma  
No fim da noite apenas um recorte.

Entre meus dedos seu olhar dormia.  
A sua morte foi beijar Maria...  
Maria foi talvez a sua Morte!...

## ADORMECIDA

As tuas mãos dormiam na lagoa incenso.  
E pelas alamedas destruídas, loucas,  
Desceu-se em mim minha Alma a procurar as bôcas  
Que me rezaram Ser, sôbre o teu manto extenso.

Vagamente desceu sôbre o silencio, a arfar,  
Combatendo de luz, a esvoaçar no ataque...  
E de Noite caiu Egipto em meu olhar,  
Nos teus braços em cruz, sepulcros em Karnak.

Bôcas de Faraós rezam múmias cansadas...  
Tebas em mim fenece em bronze de toadas,  
Apagando-se em cinza em lâmpadas sombrias.

E tu adormecida há tanto tempo, em pranto.  
Os cisnes na lagoa embranqueceram tanto,  
Que se esqueceram Côr nas tuas mãos esguias.

Acordei há momentos. Desci Cristo.  
Venho de Deus, regresso ao meu império.  
E sinto que ceguei de tê-la visto  
Quando embarquei de mim para o Mistério.

Tudo quanto sonhei, em mim flutua.  
Passei por Ela a meio dum caminho  
Onde a única pedra era a Lua  
E o único arvoredado, o meu carinho.

Ela. A que meus dedos apontavam.  
Lembrava-me uma tôrre esguia e branda  
Onde os olhos, dois sinos, repicavam.

Ainda lhe oiço a voz nos meus sentidos.  
Dá-me a impressão que é um menino que anda  
A correr nos salões dos meus ouvidos.



II

Sombra do meu Scismar, p'ra que a desejas  
Se Ela é tão breve como os meus segrêdos,  
E suas mãos antigas são bandejas  
Onde me anda a of'recer os longos dedos?

Nas salas onde a vi, entro, ergo véus.  
Sinto Deus a falar na sala ao lado.  
Mas quando entro na sala onde ouvi Deus  
Oíço-o falar onde eu já tinha estado.

Se ponho as mãos na Tarde, oiço-a descer.  
E apenas Eu e Deus sabemos lêr  
A lua, o sobrescrito do Luar.

Abro-lhe os braços para que me abranja.  
Tenho em frente a Distância:—uma laranja  
Que pelos montes rola e cai no mar.

## ORAÇÃO À TARDE

Rainha

Amarelinha

Filha dum doge que sonhou Veneza,

Tôda silêncio, tôda de Tristeza.

Vais partir com as fôlhas das olaias.

Vesti vosso mistério e perdi tudo...

Demorai vossas mãos sempre veludo

Sôbre as bôcas das fontes e calai-as.

Santa Rainha,  
Senhora minha,  
Tôda de girassois ao meu redor...

Deixa que eu vá beijar teus longos dedos  
Que assim serei pastor dos teus segrêdos  
E teus dedos as flautas do pastor.

A MORTE DO  
ORIENTE ♦♦♦

Pavões mortos, à tarde, em Babilónia,  
O ritmo das harpas extasia.  
Funerais de marfim. Na cerimónia.  
O oriente é de névoa e, ao longe, o dia.

O oriente do Ritmo é a Côr...  
Também tenho um Oriente. O meu Oriente  
É Ela, a de mãos brancas, a doente,  
A que embala, ao Sol-posto, a minha Dor.



Quero achar um Egpto em que me afoite.  
Tenho frio de mim. Desço um caminho.  
Subo ao cimo da Cruz. Suspendo a Noite.

Noite, a Termutis do olhar tranqùilo.

E no rio do Céu, anda um cestinho:

— A Lua, outro Moisés no rio Nilo...



ELOGIO DA DES-  
CONHECIDA ◆◆◆

I

Quando te sonho, hesitante,  
Teus olhos morrem nos meus.  
Fui rei num país distante  
Lá para as bandas de Deus.

Tive princesas e pagens,  
Salões de bronze e marfim...  
Conheci outras paisagens  
Quando a caminho de mim.

EL ORO DA TER-  
COPHEIDA \*\*\*

E ainda sinto as princesas  
A pensar naquelas rezas  
Que ouviam nos meus segrêdos,

E a fiar com devoção  
Fios de linho que são  
Prolongamentos dos dedos.

Fiandeiras do arvoredos  
Habitando os meus afagos,  
Que só conhecem os lagos  
Pela presença do mêdo.

Quando passam na alameda  
E num lago se demoram,  
A saudade com que choram  
Torna-se um cisne de sêda.

Cisne que durante o dia  
Ao vêr a sombra nas águas  
Julgava ter companhia,

Mas que se a noite chegava  
Adormecia nas mágoas  
De tão só que se encontrava.

III

País da minha Ansiedade  
Quando voltarei a ti?  
Quando nos sonhos que vi  
Serei Rei na antiguidade?

Minhas mãos são alcatifas  
De teus dedos alongados,  
Teus olhos são califados  
E os meus olhos os califas.

Quando olhas o Longe, penso  
Que o Ar se torna em incenso  
Contornado de oração,

E a Distância, numa infanta,  
Pequenina, quási santa,  
Co'um arco-íris na mão.



IV

Que jardins vivi contigo  
Ao redor do meu castelo!  
O Luar era inimigo  
Do luto do teu cabelo.

Teu perfil era uma alfombra  
E as sombras que tu fazias  
Tão compridas, tão esguias,  
Lembravam rocas de Sombra.

E as fontes dantes tão quêdas,  
Tão doentes de alamedas,  
Agora mais rumorosas...

Tua presença é manhã.  
E a Côr, uma castelã  
A dar de comer às rosas.

Ela. Seus braços vencidos,  
Naus em procura do mar,  
Caminhos brancos, compridos,  
Que conduzem ao luar.

Se ao meu pescoço os enrola  
Eu julgo, com alegria,  
Que trago ao pescoço o dia  
Como se fôsse uma gola.

O Luar, lâmpada acesa  
P'ra alumiar à princesa  
Que em meus olhos causa alarde.

E o dia, longe, esquecido,  
É um lençol estendido  
Numa janela da Tarde.

VI

Ei-la, lá vai, a apanhar  
Flores com que se abençoa  
E quando se vai banhar  
Mancha de Sonho a lagoa.

Seus brancos dedos, romeiros...  
Nossa Senhora de Deus...  
Seus olhos são dois cinzeiros  
P'ra pôr a cinza dos meus.

Deixá-la andar, anda triste.  
Até parece que existe  
Na tristeza do meu vê-la.

Que saudade nos seus olhos!  
Ela vê com os meus olhos.  
Sou uma varanda dela.



VII

Regressei de novo, enfim,  
Ao meu castelo de arminho.  
Voltei p'ra traz no caminho  
Que me conduzia a mim.

Mas as portas do castelo  
Estão fechadas de luar.  
No meu receio de vê-lo  
Ponho-me então a chamar.

Ninguém responde de dentro.  
No meu mêdo me cõcentro.  
Torna-se um espelho o jardim.

Olho-me nêle e consigo  
Encontrar-me então comigo.  
Vejo que cheguei a Mim!

A MORTE DE SÓROR  
MARIANA ♦♦♦♦♦♦♦♦

Calai que ela morreu. Nos seus vestidos  
Bordaram-lhe Alma. As mãos sôbre o Outono.  
Como ela vai quietinha no seu sono!  
Inda vai a rezar com os sentidos.

As suas mãos, madrinhas de tristezas,  
Cansadas de Silêncio e de escrever.  
E Deus põe-se a chorar a ouvir-lhe as rezas,  
Pois sente-se pagão p'ra as receber.

A sua Ausência é um fechar de portas.  
Em seus dedos prendeu as horas mortas  
E encobriu a Saudade em velhos véus...

Colchas no meu lembrá-la penduraram.  
E de tão brancas mãos a rodearam  
Que a sua morte aconteceu em Deus.

## RAINHA SANTA

Se falo no seu nome, as mãos estendo  
Como se fôsse p'ra pedir-lhe esmola.  
E Ela traz ao pescoço em vez de gola  
A sombra de Jesus desfalecendo.

Sou um sonho de mim na antiguidade.  
Olho p'ra Ela. O seu perfil é Ânsia.  
Nos seus sentidos, Deus grita Saudade  
E fala com seus lábios na Distância.

Alguém nasceu cèguinho e lhe pediu  
A esmola do olhar. E Ela sorriu  
Ao vêr a fé que o cego tinha nela.

Quando morreu, as pálpebras cerradas  
Tinha-as desertas, sêcas e cansadas  
E o cèguinho trazia os olhos dela.



## A BILADEIRA

### I

Olhou-se nos espelhos. Uma arcada...  
Julgou-se Salomé. E em oração,  
De João a cabeça ensanguentada  
Julgou que era seu proprio coração.

Meu olhar, de tapete lhe serviu.  
No meu imaginá-la ajoelhou.  
E nos seus olhos gastos refloriu  
O pranto antigo que Jesus chorou.

Enamorou-se um dia de seus dedos  
Tristes, esguios, mortos de segrêdos,  
Que na côr dessas mãos inãda sorríam.

E pediam-lhe o mar. E ela desceu  
Entre o Sonho e o Longe e endoideceu  
Por não lhes poder dar o que pediam.

Era apenas julgá-la uma princesa.  
Suas mãos eram copos despejados  
E seus sentidos frios, eram dados  
Espalhados em cima duma mesa.

Ela sentia Cristo em seus sorrisos.  
Sua ternura era marfim e vidro.  
E seu corpo que Deus pintara em frisos,  
Um arco que torceram mãos de vidro.

E ficava de tarde, de mãos postas  
A rezar num silêncio de agonia  
Com um lenço apertado nas mãos postas.

A seus olhos de Outono, Ausência vinha.  
No seu passado outra Saudade ardia.  
Deus era o lenço que ela nas mãos tinha!

O QUE ELA PENSA  
DE DEUS ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

Se estendo os braços, minhas mãos de luar  
Sentem as mãos da Tarde, a lavadeira,  
Que as casas brancas, longe, na ribeira,  
Lava, sacode e estende p'ra secar.

Se passo no jardim, como um lamento  
De boca santa em preces dolorosas,  
Minha presença é um desfolhar de rosas  
E a minha sombra é o rumor do vento.



Tarde. Hora de girassois. Ânasia que voa.  
Hora-sêda em que tom da minha fala  
Prende teus lábios nos ouvidos meus.

Detrás de mim ficava uma lagoa.  
Atirei-lhe uma pedra sem olhá-la.  
Quando olhei para trás encontrei Deus.



REZA DE S. JOÃO  
DEGOLADO ◆◆◆

Não tenho mãos para as erguer aos céus.  
Rezo. Sou minha sombra abandonada,  
E sinto minha voz mais abafada...  
Julgo estar a falar dentro de Deus.

Minha Alma concentrou-se nos meus olhos  
E em lágrimas guardei os meus sentidos.  
Sou sonho do meu Corpo em outros olhos,  
Conto contado em lábios doloridos.

Salomé quer viver na minha bôca  
E andam seus lábios de princesa louca  
Pedindo aos meus para a deixar entrar.

De tudo quanto fui, sou um recorte.  
Escuto os passos dela em minha Morte...  
E eu que não tenho mãos para a afastar!...

A CANÇÃO DO  
ARLEQUIM ♦♦♦

I

Sem espelhos tento vêr-me.  
Tanto adoro a Columbina.  
E Ela não pensa em querer-me  
Por mais que em Alma se inclina.

Meus olhos transformo em lagos  
A vêr se a posso alcançar  
Quando se fôr debruçar...  
Passa e não olha p'ra os lagos.

Seus lábios, dois peregrinos  
Na peregrinação dos meus.  
Seus passos conversam sêda,

Pois seus pés tão pequeninos,  
São duas pedras que Deus  
Anda a empurrar na alameda.

Só de pensar que ela passa  
Nas salas abrem-se portas  
Onde jamais houve portas...  
E Ela não passa, esvoaça.

Na sombra dos seus afagos  
Crucifico o meu Scismar.  
E os cisnes que andam nos lagos  
Voltam a ser no luar.



E sua Ausência doente  
Que o meu olhar não consente  
Embal-a com insistência.

Não adormeço p'ra ouvir.  
Tenho medo que ao dormir  
Me roubem a sua Ausência.



III

Sua sombra não me ensombra.  
Suas mãos, tardes de Deus  
Onde andam passeando à sombra  
Seus dedos, luar nos meus.

Se a vejo, vou-me esconder.  
Escondo-me detrás de mim  
Que ela assim olha p'ra mim  
E não me consegue vêr.

Conhece Deus pela fala.  
Fala de alto e gesticula.  
Sua voz nela tremula.

Suas falas, luas frias  
E os gestos nas mãos esguias  
Candelabros numa sala.

IV

Anda-me sempre a evitar.  
Pierrot morreu. Bem sei.  
Mas consegue inda ser rei  
No país do seu lembrar.

Inda no longe flutua.  
Passou p'ra além do luar.  
Põe-se de lá a espreitar  
Pelo postigo da Lua.

Seu país não é real.  
É um sonho imperial  
Adormecido nos rios.

Rosas fingidas mas belas.  
As côres que existem nelas  
Tem-as atadas com fios.

## OUTRORA

Outrora alguém olhou com os meus olhos  
E alguém sentiu também com meus sentidos.  
Alguém foi Eu em sonhos derruídos,  
Alguém viveu de mim ante os teus olhos.

Por isso se me vejo, me conheço  
De me ter visto outrora no meu Eu.  
O meu passado é tudo que adormeço  
Tudo o que envolvo em mim e me esqueceu.



E as minhas mãos que no teu sonho exaltas,  
Outrora para Deus as elevei. . .  
Não tocavam em Deus, eram mais altas.

Minha presença é alma que se ausenta  
E o meu passado que ante mim deixei,  
Uma cadeira onde ninguém se senta.



## ANTE DEUS

Quando te vi eu fui o teu voar  
E desci Deus p'ra me encontrar em mim.  
Voei-me sôbre pontes de marfim  
E uma das pontes, Deus, em meu olhar!

Aureolei-me de oiro em sombra fria  
E meus vôos caíram destruídos.  
Foram dedos de Deus os meus sentidos.  
Meu Corpo andou ao colo de Maria.

Agora durmo Cristo em véus pagãos.  
São tapetes de Deus as minhas mãos.  
Regresso Ân<sup>â</sup>sia p'ra alcançar os céus.

Ergo-me mais. Sou o perfil da Dor.  
Sôbre os ombros de Deus olho em redor  
E Deus não sabe qual de nós é Deus!

ÍNDICE



Em vôo.....	9
Arabescos .....	11
Ver-te .....	13
Apenas sonho.....	15
Cair da Tarde .....	23
Salomé .....	25
Morte de Salomé.....	29
Recordar .....	31
Mãos de cega.....	33
Sonho egípcio .....	37
Esquecendo .....	39
Recordando .....	41
O medo de Satan pela Noite.....	43
Princesa louca.....	51
"Só" .....	53
A Doida.....	55
A canção dos meus sentidos .....	59



Delírio .....	65
Ao pé das fontes.....	67
Pagão .....	69
Ela no meu olhar.....	71
Morte de Cristo.....	73
Adormecida.....	75
A sempre velada .....	77
Oração à tarde .....	81
A morte do Oriente.....	83
Elogio da Desconhecida.....	85
A morte de S3ror Mariana .....	99
Rainha Santa .....	101
A bailadeira .....	103
O que Ela pensa de Deus .....	107
Reza de S. Jo3o Degolado .....	109
A canç3o do Arlequim .....	111
Outrora .....	119
Ante Deus.....	121



Composto e impresso na MINERVA  
Largo de S. Domingos, Lisboa, em  
Agosto de 1918. o o o o o o o o o o





PORTUGALIA - EDITORA - COR-  
RÊA, LIMITADA - 73, RUA DO  
CARMO, 75 - LISBOA - 145, RUA  
DE BUENOS - AYRES - RIO DE  
JANEIRO

☪ ☪ ☪ ☪ ☪ ☪  
===== MCM XVIII =====